

## ESTRATAGEMAS DE POLIEONO: ASTÚCIA OU ENGANO?

Raul Vitor Rodrigues Peixoto\*

**Resumo:** Polieno foi um autor macedônio que viveu na cidade de Roma por volta da segunda metade do século II d.C. Ele exerceu a função de advogado por grande parte de sua vida e só na velhice, como ele mesmo declarou, decidiu escrever compêndios que tratavam de assuntos militares. A série de oito compêndios que escreveu Polieno deu o nome de “Estratagemas” e os dedicou todos, primeiramente aos então Imperadores Lucio Vero e Marco Aurélio e em segundo lugar a todos aqueles que possuíssem uma cargo de comando na guerra. Essa comunicação tem como objetivo analisar o papel que os conceitos de “Astúcia” e “Engano” cumprem na obra deste autor.

**Palavras-chave:** Polieno, Astúcia, Engano.

Esta comunicação tem como objetivo principal analisar os conceitos de Astúcia e Engano na obra Estratagemas de Polieno, visando compreender como estes conceitos aparecem na obra, qual sua função e sua relação com uma categoria mental muito presente no universo Grego: a *metis*.

Como ocorre com outros muitos autores gregos, temos poucos dados biográficos a respeito de Polieno. Segundo os prólogos de seus livros, este autor teria nascido na Macedônia, e escrito seu livro já fora de idade militar. Polieno ainda afirma que durante toda a sua vida exerceu a função de advogado na cidade de Roma (POLIENO, *Estratagemas*, Introdução). Sabe-se ainda, que Polieno viveu e escreveu seus livros na segunda metade do século II d.C. A evidencia para tal informação esta no fato de que o autor dedica todos os volumes de sua obra aos Imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero além de congratulá-los pela vitória na campanha contra a Pártia, que se deu em 166 d.C.

O governo de Marco Aurélio foi crivado por todo tipo de vicissitudes militares. Persas e Partos insurretos no oriente, além da peste dos exércitos orientais. Aproveitando-se dessa crise inicial se sublevaram também germanos e sármatas que invadiram as províncias danubianas, obrigando os imperadores a reunir exércitos e combater-los pessoalmente.

É nesse contexto, de guerra pela manutenção de províncias, que Polieno escreveu seus compêndios. Estratagemas é uma serie de oito compêndios que reúne

---

\* Graduado em História pela UFG

resumos de feitos militares notáveis da Antiguidade, e que foi dedicado pelo autor primeiramente aos Imperadores Marco Aurélio e Lucio Vero, e sem segundo lugar a todos aqueles que tenham posições de comando na guerra.

Os trechos que Polieno arrola e resume ao longo de seus oito compêndios passam por grandes feitos militares, conselhos celebres, medidas disciplinares, discursos de generais famosos e também feitos de mulheres e homens que demonstraram algum tipo de coragem ou heroísmo. Polieno dispõe esses trechos em um interessante padrão organizacional: o conteúdo estratégico de determinado evento era resumido pelo autor em no máximo dois ou três parágrafos e logo abaixo Polieno trás outro resumo que faça referência ao mesmo personagem, quando não há o autor prosseguia com um outro pequeno trecho elucidativo a alguma estratégia, fazendo isto até que se encerre o volume em questão. Polieno utilizou esse padrão organizacional nos oito volumes de *Estratagemas* onde reuniu mais de oitocentos desses pequenos trechos elucidativos.

Faz-se necessário então apresentar um breve resumo do conteúdo destes compêndios. O primeiro compêndio tem por objetivo apresentar as estratégias de protagonistas míticos, deuses, reis e legisladores antigos. O compêndio se arremata com exemplos de diversos tiranos gregos e feitos de comandantes atenienses e lacedemônios que datam entre os anos de 600 e 467 a.C. O segundo compêndio está mais focado nos generais lacedemônios e tebanos com feitos que compreendem o século V ao III a.C. O terceiro apresenta os feitos atenienses, tanto de seus tiranos como de seus generais.

O quarto compêndio é o que Polieno afirma ter escrito com maior satisfação entre os oito, pois trata dos feitos dos macedônios, povo ao qual Polieno afirma pertencer. O autor valoriza muito essa descendência, evocando-a sempre como fonte de autoridade, para seus escritos militares. O quinto compêndio inicia-se com feitos de tiranos sicilianos dos séculos VI a IV a.C. e se encerra com feitos cartagineses intercalados com personagens que por não se achar correspondentes em outros autores, são classificados por Francisco Martín García como “personagens desconhecidos”. O sexto inclui governantes variados dos séculos IV a III a.C. e também estratégias que são caracteristicamente praticadas por determinado povo. (ou seja, estratégias tipicamente celtas, estratégias tipicamente germânicas e assim por diante). O sétimo compêndio trata de grandes feitos bárbaros, persas, e de mulheres que tiveram comportamentos heróicos. O último trata de romanos famosos, também de notáveis feitos femininos, sobretudo de mulheres gregas.

Polieno ainda prometera escrever mais um livro, também dedicado a Marco Aurélio e Lucio Vero, contando os feitos destes ao vencer os Partos. Porém essa obra se foi escrita, não chegou até nós.

Pretendemos agora apresentar um breve resumo da historiografia que se tem a respeito deste Autor. Quanto as fontes usadas por Polieno para reunir seus estratagemas, A. Schirmer em 1884 defendeu uma tese de que havia uma única fonte para Polieno e que esta seria a *Historia Universal* de Nicolao de Damasco. No entanto um ano depois J.Melber fez um valioso trabalho separando, na obra, as partes anedóticas das que possuíam algum valor como fonte de fatos históricos. Obviamente no correr de 1885 a intenção de Melber era separar o “verdadeiro” do “mentiroso” em Polieno, porém hoje sabemos que fazer tal distinção já não faz mais tanto sentido. Analisando detalhadamente a seqüência cronológica existente nos compêndios, Melber, em sua tese, mostrou que Polieno também havia se utilizado de fontes históricas de maior aceitação como: Plutarco, Heródoto, Xenofonte, Polibio e Tucídotes.

Mais tarde, apenas em 1972, se retoma o trabalho acadêmico sobre este autor, com a obra de R. J. Philips “As fontes e métodos de Polieno”. Nesta obra Philips confirma, com pequenas objeções, os pontos de vista de Melber.

No entanto no ano de 1980, Francisco Martín García, autor da tradução em espanhol por nos utilizada, questiona a qualidade das fontes de Polieno. Em sua tese de doutorado “Língua, estilo e fontes de Polieno” García trás fortes argumentos tais quais: o fato de compêndios militares serem comuns na antiguidade e de que a maioria destes terem conteúdo anedótico, as idas e vindas na organização cronológica de Polieno, com a inserção de personagens que quebram a cronologia, algumas confusões entre personagens dentro de um mesmo capítulo, e, finalmente uma possível semelhança de Polieno com Frontino. Porém nosso intuito com essa comunicação é analisar o valor didático das estratégias de Polieno, para tanto não é nosso interesse principal o valor como “fato histórico” dos exemplos utilizados, até por que essa é uma discussão que consideramos um tanto complexa. Dessa forma, procederemos a uma análise de dois conceitos que perpassam a obra de Polieno e, muitas vezes, até se confundem: Astúcia e Engano.

Ao longo de sua obra Polieno arrolou mais de oitocentos exemplos estratégicos, no entanto, percebe-se que apesar desta gama incrível de trechos transcritos e resumidos conserva-se um sutil padrão que leva todos estes exemplos a se aglutinarem de tal forma que, mesmo diferentes em tempo, espaço e situação passem ao leitor um mesmo

ensinamento. E dentro desse padrão encontrado na obra *Estratagemas* os dois mais constantes são o da Astúcia e o do Engano.

Estes dois conceitos aparecem ainda na introdução do primeiro compêndio, antes mesmo que Polieno comece a escrever seus exemplos seguindo a forma organizacional que manteve durante todos os outros volumes. A disposição introdutória destes dois conceitos é uma escolha que demonstra a maior importância que Polieno confere aos mesmos.

Polieno persuade seus leitores de que melhor do que vencer um inimigo se utilizando de força física e vence-lo sem luta, se utilizando apenas “[...] da astúcia, pois a primeira qualidade de um general esperto é conseguir a vitória sem risco, e excelente é também o administrar para que as decisões obtenham vitória antecipando o fim do combate.” (POLIENO, *Estratagemas*, Introdução). Além de exortações diretas a favor da utilização da astúcia Polieno também procedeu com esta elegia, a nosso ver, quando elege Odisseu como seu principal exemplo. De acordo com Polieno uma série de medidas tomadas por Odisseu “acaso não eram estratégias contra os inimigos?” (POLIENO, *Estratagemas*, Introdução). Daí surge nossa problemática. Ocorre que, muito dos planos postos em prática por Odisseu durante sua jornada, tem como fator de funcionamento fundamental, literalmente enganar o inimigo. Seria então o conceito de astúcia presente na obra *Estratagemas* o mesmo que engano? Ou seriam os dois conceitos separados e diferentes?

A dúvida surge por que diversas vezes Polieno diz “engano e astúcia” ao invés de usar um só dos dois vocábulos. Em alguma medida o autor diferencia estes dois conceitos, que nos parece, ele apresenta como uma espécie de método do qual a estratégia pode se utilizar.

Por certo tempo estivemos refletindo a respeito desta diferenciação feita por Polieno, porém cada vez ela nos parecia ser mais ambígua. Até que nos deparamos com um texto de Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant que tratava justamente deste assunto. “As artimanhas da inteligência” trás uma interessante resposta para a ambigüidade corrente entre a astúcia e o engano. O que acontece é que estes dois conceitos fazem parte de um mesmo conceito na língua grega, a *metis*. E em primeiro lugar é justamente, por fazerem parte deste mesmo conceito linguístico, é que são tão ambíguos e chegam muitas vezes a se confundirem.

A ambigüidade deste conceito é tal que segundo M. Detienne e J.P. Vernant não a se quer uma só definição antiga específica sobre o conceito de *metis*, sendo que tudo o

que sabemos a seu respeito esta expresso em alguns mitos, nos poemas homéricos e nas fabulas, principalmente as de Esópo.

É comum construir a imagem dos gregos como pertencentes a um mundo regido pela lógica retilínea e pela ética platônica. Talvez, por isso, estudos sobre aspectos do pensamento grego como a *metis* sejam tão raros. Parece-nos difícil imaginar o povo que criou a filosofia e tanto pensou sobre a ética admitindo abertamente, o que a olhos anacrônicos poderia facilmente parecer o se utilizar de “jogo sujo”. No entanto a *metis* é um conceito grego tão antigo quanto a lógica ou mesmo a ética. Dessa forma não parece tão impactante que Polieno elogie abertamente as artimanhas de Odisseu e de tantos outros. Segundo M. Detienne e J.P. Vernant:

“A *metis* é uma forma de inteligência e pensamento, um modo de conhecer. Implica um conjunto complexo, porém muito coerente, de atitudes mentais e de comportamentos intelectuais que combinam o olfato, a sagacidade, a previsão, a flexibilidade de espírito e a simulação, a habilidade para safar-se dos problemas, a atenção vigilante, o sentido de oportunidade, habilidades diversas e uma experiência largamente adquirida. Se aplica as realidades fulgazes, movediças, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam a medidas precisas, ao calculo exato e ao raciocínio rigoroso.” (DETIENNE e VERNANT, 1988: 93).

A *metis* serviria então exatamente para lhe dar com o não planejado, o que escapa a previsão, o repentino, aquilo que escapa ao reino da lógica. Para os dois autores a principal explicação para o fato da *metis* sempre aparecer com este aspecto múltiplo, variado e sinuoso seria seu próprio campo de aplicação, o mundo do móvel e do ambíguo. Sendo assim o conceito de *metis* e tudo aquilo que o compõe, o que inclui a astúcia e o engano está no campo da ambigüidade e da multiplicidade justamente por que este é seu campo de aplicação. A *metis* se exercita nas realidades fluidas, nas situações que estão sempre se modificando, fora da solidez de um amplo planejamento, dessa maneira, não poderia ser caracterizada por um conceito que fosse claro e de significância sólida.

Dessa forma a relação entre a *metis* e a guerra é grande. A guerra é essencialmente o lugar das incertezas e da fluidez extremas. Planos anteriormente concebidos têm de ser mudados ao sabor das vicissitudes do combate, de maneira que,

decisões firmes e praticamente instantâneas têm de ser tomadas caso realmente se almeje vencer determinado combate. Ainda segundo Detienne e Vernant a astúcia e o engano (partes componentes da *metis*) devem ser mais rápidos que as próprias oportunidades, pois só dessa maneira conseguiriam agir no momento exato, obtendo assim o máximo de eficácia.

Assim a constante ambigüidade entre astúcia e engano em Polieno não seria uma exclusividade da obra *Estratagemas*, mas sim uma constante na forma de pensar grega. A aparente confusão entre estes dois conceitos ao longo dos oito compêndios pode ser encarada como parte constituinte, e muito importante, da própria natureza destes conceitos que compõe o antigo e complexo conceito de *metis*. Chegamos então à conclusão de que em *Estratagemas* não há a elegia da astúcia ou do engano, mas sim a existência destes dois conceitos que se apresentam fazendo parte de um conceito ainda maior.

### **Referências bibliográficas**

- DETIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. *Las Artimañas de la Inteligencia. La Metis en la Grecia Antigua*, Madrid, 1988: Taurus.
- POLIENO. *Estratagemas*. Madrid, 1991: Editorial Gredos.